

FHC
Presidente

critica FMI e
neo liberais
16 FEV 1996

Cidade do México — Se havia dúvidas sobre a fé de social-democrata do presidente Fernando Henrique Cardoso ou sobre sua alergia ao rótulo neoliberal, ele as dirimiu numa entrevista ao jornal mexicano Reforma. No Carnaval Fernando Henrique visita o México, o país onde o mais festejado experimento neoliberal da América Latina deu com os burros n'água e provocou uma crise para a qual ainda não se encontrou saída.

“Os mercados e os analistas de mercados têm certa função, mas não creio que devam ser tomados muito ao pé da letra”, disse Fernando Henrique à jornalista

Rossana Fuentes-Berain. A entrevista ocupou meia página da edição de ontem do Reforma. O Presidente tocou num tema dolorido para os mexicanos. Foram os analistas e operadores de mercado que ajudaram o governo autoritário do ex-presidente Carlos Salinas de Gortari, hoje em desgraça e no exílio, a criar a ilusão de que o México ingressaria no Primeiro Mundo financiando déficits de balanço de pagamentos com capitais externos de curto prazo indexados ao dólar.

Ao afirmar que “os analistas daqui erram sempre e os de fora também”, Fernando Henrique estendeu a crítica aos economistas do Fundo Monetário Internacional. Eles apostaram no sucesso das reformas mexicanas, mas não avalizaram o bem sucedido plano de estabilização que o Presidente iniciou como ministro da Fazenda do governo Itamar Franco. “Creio que o exemplo mais claro

é o FMI não ter apoiado o Plano Real, porque diziam que (o plano) não tinha as condições técnicas para ser aprovado (...) O FMI acreditava que (o plano) não era o caminho para nós; que havia outro (caminho)”.

“Pouco depois aconteceu a queda do México, o que não significa que as análises sobre o México não funcionaram e que o México não tenha muitos acertos”, ressaltou Fernando Henrique. Ele reiterou sua confiança na recuperação mexicana. “Confio muito na recuperação (do México), mas os analistas no momento da crise disseram que o México estava fora do jogo, e não está”.

Sobre a conjuntura econômica brasileira, Fernando Henrique disse que o que mais o preocupa é a taxa de poupança interna, que chegou a cair a 13% do PIB, hoje está em 18% e ele quer elevar para 20%, 22%.